

---

## A LETRA E A LEPROSA: O CONTO CIDADÃO

CHAVEIRO, Eguimar Felício<sup>1</sup>

**Resumo:** Por meio de testemunhos de vida narrados por sujeitos portadores de hanseníase procedeu uma pesquisa geográfica baseada em metodologias qualitativas. As narrativas foram utilizadas para compor contos em que os enredos são permeados dos dramas da vida asilar e do modo como esse tipo de doença – a lepra - entra no processo de representação social, gerando contaminações psíquicas de diferentes ordens. A aglutinação de geografia e literatura, no caso dessa pesquisa, teve um objetivo claro: publicizar o grito de vida desse sujeito acometido pela doença e transformá-lo numa ferramenta política.

**Palavras-chave:** Representação – Vida Asilar – Significações Políticas.

**Abstract:** Through the testimony of the life narrated by the subject leprosy patients, stemmed the geographic search based on the qualitative methodologies. The narrate was use to composed the stories, wherein the plot is shot through of drama of the asylum life and the way how this kind of a sickness- the leprosy – enter in a process of the social representation, generate psychic contamination of the different order. Aggregation of the geography with the literature, on this paper, has the clear objective: publicizing the scream of the life that subject stricken by the sickness and change him on a policy tools.

**Key-words:** Representation – Asylum Life – Policy Signification.

### INTRODUÇÃO

Até onde a palavra chega no cerne da carne humana? Que contaminações simbólicas podem causar uma ferida devassa, como é o caso da lepra, na conduta subjetiva de um sujeito? Essas interrogações, além de balizarem o presente trabalho, promovem o que temos feitos em pesquisas, orientações e militância numa ONG socioambientalista: a aglutinação do saber geográfico com a literatura.

Por essa via, tomamos com móvel reflexivo essa ideia: toda doença tem uma alma, uma voz funda, um impacto subjetivo tecido pela brutalização do medo e pelo desafio de coragem que o sujeito, acometido por ela, se vê envolvido. É comum que doenças de fortes representações negativadas e preconceituosas, como a hanseníase, a antiguíssima lepra, desenvolver uma consciência da carne e de suas fragilidades, levar o indivíduo a constatar o acaso e as leis da probabilidade incrustadas na genética e em suas relações sociais.

---

Para estabelecer uma ponte entre LETRA e LEPRA, isto é, entre saber acadêmico e doença, testemunhada na pesquisa geográfica que fizemos com o sujeito portador de hanseníase da ex-Colônia Santa Marta – Goiânia-Go, o trabalho se dispôs a pensar: qualquer tipo de doença ao desenvolver uma representação, possui uma dimensão vital além do organismo. A vida é também uma realidade simbólica.

Sendo assim, mesmo em situação de flagelo nas células, nos músculos ou nos bacilos, simbolicamente o sujeito pode criar meios de restabelecer os seus afetos, ou, ao contrário, entrar num motim masoquista, fazer barganhas com lágrimas. Mas pode também, insuflado pela consciência de morte, querer valer-se de tudo que representa vida e alegria. Da doença pode nascer potências de vida.

Por isso, as trajetórias dos sujeitos portadores de doenças com representações preconceituosas possuem, especialmente os vinculados aos asilos, um contorno de dramas, tragédias, sustos e superação que podem enriquecer os enredos literários.

Com base nessas ideias, elaboramos a pesquisa que contou com a intercalação entre saber geográfico e literatura. A pesquisa de modalidade qualitativa apanhou testemunhos orais e procedeu observações perante a realização de oficinas de vivências, realizadas junto aos sujeitos que, posteriormente, foram utilizados para compor contos com a finalidade de publicizar a história da política de polícia de saúde impetrada com os portadores de Lepra pelo Estado brasileiro até 1970.

Alçar essa literatura de vida real em contos igualmente realistas, mas recheados de metáforas e imagens literárias dado a vida extrema dos hansenianos, nos levou a transformar a relação entre geografia e literatura em instrumentos da criação de uma consciência, de uma só vez, das possibilidades metodológicas desse tipo de trabalho; do modo como as instituições de saberes médicos desenvolvem políticas de vida; da maneira com que esse sujeito, embora isolado e subordinado pela representação da doença, nos interstícios possíveis, desenvolvem gestos de rebelião, de beleza e superação.

Dessa feita, valem de outra ideia: a criação é uma modalidade ímpar de compor sentidos, dizer que a existência vale porque mobiliza afetos íntimos que, às

---

vezes, silenciosamente, produz e reproduz a vida além da aparente letargia ou das cicatrizes expostas no tecido da pele.

### **A METODOLOGIA: PASSOS PRÁTICOS PARA COMPREENDER A FERIDA**

No intuito de desenvolver estudos Demográficos, foi montado um grupo de estudos e de pesquisa mirado na interpretação de sujeitos moradores de asilo. Nasceu desse propósito o projeto “Deus-menino da pirulitagem – causos, contos e memórias”. Por intermédio desse projeto, realizou-se contato com a direção da ex-colônia Santa Marta, de Goiânia-go, hospital-asilo que dá guarida a portadores de hanseníase, desde a década de 1940.

Baseado nos métodos demográficos primeiramente realizou-se trabalhos de campo para oportunizar o contato de alunos orientandos com os sujeitos da Colônia. Por intermédio desses trabalhos, foram geradas as primeiras conversas com aqueles sujeitos. A oportunidade nos levou a perceber o profundo drama e a profunda riqueza da vida asilar e da luta para vencer a lepra.

Em seguida, organizamos um estudo geográfico da Lepra baseando-se em fontes teóricas e de informações numéricas. Após os estudos, elencamos os pressupostos que guiaríamos a pesquisa. Organizamos um roteiro de entrevistas e dividimos a tarefa de sua execução com a equipe.

No roteiro foi observando que iríamos captar as sutilezas do estilo narrativo do sujeito entrevistado, valorizando não apenas o conteúdo de sua fala, mas o seu modo de narrar e falar. Fizemos a coleta das narrativas de maneira informal mediante um pequeno gravador. A intenção era criar um clima de liberdade para o exercício das falas, possibilitando a ação de sua imaginação e de seus devaneios.

Transformamos a coleta de narrativas em textos digitalizados, marcando as pausas alongadas das falas, as interdições, os suspiros, os momentos emotivos. Fizemos uma leitura dos textos narrados observando a sua organização temática e as imagens decorrentes. Os textos foram transformados em contos a partir do modo peculiar de fala do sujeito entrevistado.

---

O forte pendor dramático da vida do sujeito portador de hanseníase e, em muitos casos, a riqueza imagética de seu modo de falar, dispensou as intervenções. Em outros casos, tomamos conteúdos da demografia e salpicamos as narrativas dando o timbre de aglutinação entre geografia e literatura objetivado pelo projeto.

Para cumprir as exigências éticas, alteramos os nomes dos narradores. Mas conservamos o conteúdo de sua fala. Os contos foram selecionados e publicados num livro patrocinado pela Prefeitura Municipal de Goiânia, chamado “A VIDA É UM ENGENHO DE PASSAGENS”. No livro, além dos contos, constam vários poemas que foram transformados em cartazes e afixados em locais públicos da cidade de Goiânia.

O procedimento metodológico adotado permitiu averiguar que a ferida crônica causada pela lepra se estende nas feições, na emoção e nas trajetórias de uma vida inteira. O labor de uma narrativa forjada com a linguagem simples de uma vida igualmente simples, tornaram-se conteúdos fundamentais da tradição literária. Brosseau (2007, p, 76) explica que:

São muito variadas as maneiras como a geografia aborda a literatura. Embora em termos numéricos predominem os trabalhos que expressem um ponto de vista humanista, também são propostos outras abordagens, tanto no sentido da história, da crítica social, quanto no sentido da linguagem e do discurso, sendo que este último caminho parece exercer o papel de parente pobre nas análises dos geógrafos (...).

As astúcias dos discursos simples feitos sem um motivo representacional externo, ao testemunharem o quadro de vida do sujeito portador de lepra, nos ensinam que fenômenos como as separações de família, a recomposição do quadro de vida, as rupturas espaciais etc, repercutem na relação do indivíduo consigo mesmo, com as instituições e com o espaço.

### UMA FALA DE VIDA: OS CONTOS NASCIDOS DA FERIDA

As narrativas edificadas pelo sujeito portador de hanseníase demonstram o efeito da doença e de suas significações. São recursos também que testemunham como uma doença irradia no seio das instituições e repercute num conjunto de variáveis que a vida

---

do sujeito está inserida. Em muitos casos, a doença torna-se a identidade do sujeito que, a partir dela, faz negociações as mais diversas. E em outros casos, lutando contra ela, estabelece significações políticas e de vida com alto valor estético.

No conto “Brincar com a verdade”, o narrador com grande poeticidade demonstra como o regime de moradia asilar pode enlouquecer. Diz ele:

“Tem esse proseio que todo mundo escuta aqui – e te falo que é assim memo: essa doença enlouquece a gente. Num é porque ela ataca a cabeça da gente, não. A cabeça fica sossegada, ela ataca o nariz, a boca, os nervo, os dedo – e qué cume os órgão da gente. Então a gente rebate com o pensamento. Mais de tanto fuçá no corpo, ela mexe no pensamento tamém. Mais só o susto que gente leva, inda mais por causa da fama dessa doença, só o susto a gente já quase enlouquece. Só de ouvi falá o nome antigo dela, a gente já fica assim...E tem mais: pode ter vária loucura. Ocê ouviu esse proseio: aquelas mãe que foi tirado o fio pro mode não pegá doença, elas ficava louca. Conversava sozinha, chorava. Têm uns que ficou louco de saudade, de amargura e têm outros que sem fazê nada, fica pensano, pensano, pensano. Ninguém pode ficá pensanosó numa coisa, não. E se ocê pensá numa coisa só, tem que pensá diferente dela.

Se ocê pensa demais no que ocê perdeu, então ocê imagina o que pude ter feito, parece que mexe tudo no seu corpo, fica uma coisa muito estranha. Eu já fiquei com medo de enlouquecê. Fiquei memo! Eu ficava falano: “num é possível, num é possível que isso foi acontecê comigo, a minha vida era tão boa, trabaiava, fazia as coisa. Então veio essa malquerência de repente e me engoliu. Me engoliu, não: tentou me engolir.

Agora esse negócio de loucura, primeiro que num sei se é ruim ocê ficá louco. Parece que é bão. Ocê faiz tudo o que ocê què e num tem o pensamento, assim... pra te pertubá, pra fazê conta do que ocê faiz, o que tinha que fazê. Se ocê é louco ocê brinca com a língua, faiz careta, passa a mão em qualqué lugá se dé vontade. Ocê fica brincano com a verdade, fazendo tudo que ela pede...Nóis num, não...Nóis num faiz a vontade da gente, tem tudo, né regra, comportamento. Eu acho que é purisso que todo mundo tem vontade de ficá louco um pouquim, só pra experimentá...”.

A pesquisa com os sujeitos demonstrou que a vida asilar, a falta de contato das mães leprosas com os filhos, a separação da família, o sentimento de inutilidade, a

---

vivência comanda pelo sopro corrente da ferida, cria enlouquecimento. A narrativa feita, ao contrário de ver apenas o lado negativo da loucura, demonstra o lado humorado e também dá sinal de significações mais profundas. Em determinadas condições, o enlouquecimento é a única forma de fazer o indivíduo manter-se vivo a partir de um esquecimento delirante de seus problemas maiores, com os quais não consegue, em sua consciência, sobreviver.

Viver trancafiado num asilo e num isolamento da vida social normal, por certo cria saudades. Vê-se que o rompimento com o lugar de origem a partir da ação da ONÇA, nome em que os hansenianos dão ao camburão que os retira de sua casa para o isolamento do asilo, é uma ferida simbólica de forte efeito: a perda do lugar de vida lhes endereçam para o regime eterno do hospital. Vejamos a narrativa:

“Nascemos num lugar dentro do corpo da mãe; a mãe está num lugar dentro de uma casa ou de um hospital; esse está num lugar na cidade ou no campo que, por sua vez, está num lugar dentro do Estado, de um país, de um continente. Mas há outros lugares – os de dentro, os que não se enxergam, não se pisam, não se tocam...O meu lugar no olho daquele que me vê; o lugar do estranho na sensação do meu espanto; os trieirinhos da alma, cada coisa sentida, cada afeto recebido, cada desejo não cumprido. Ou mesmo os rios das paixões desacertadas, os mares transbordantes de medo que quiseram se transformar em dores...Sempre perguntamos “qual é o meu lugar?” O lugar do meu nome na língua...”

Meu nome veio das grota do sertão. De dentro das grota, foi saindo, foi saindo. Depois, subi a colina, vortei, fiquei na planície. Sou do Estado do Tocantins, vim de lá há muito tempo, né? Que eu vim de lá em cinquenta e oito, desde de cinquenta e oito que eu tô morano aqui nesse lugar. A fim de tratamento, credito que que tô...consegui. Estou mutilado mas num tô mais tratando do problema, né? Nós aqui todo somo mutilado por causa da doença, ela pega a gente de jeito, pega no corpo, fere ele, joga ele contra a gente...Então tô aqui morando por que num tenho pra onde eu ir mermo, né? Eu só tenho esse lugar que num é meu...Então tô aqui morano direto, né? Enquanto eu puder, né?...Essa doença separa a gente do ôtro, deixa a gente sozim, nasce pasto dentro da gente, nas arvres, nasce tudo: nasce pedra...”

A narrativa meio enviesada, com pequenas pontadas de perda de raciocínio, instrui algo importante: a perda do lugar se transforma na perda de si mesmo, pois em

---

regime de isolamento, o “corpo vira pasto”, isto é, não tem sentido, não opera novidade, relacionamentos etc. A narrativa demonstra também a importância dos símbolos advindos da doença na codificação do lugar. Sobre esse assunto, Garney (2007, p, 129) assinala que,

Para os geógrafos, o estudos dos lugares abre uma variedade de perspectivas. Lugares fornecem ancoragem emocional para a atividade humana. São blocos de construção para o conhecimento geográfico; provedores de experiência na compreensão da paisagem cultural; palcos para eventos e lembretes de que os seres humanos precisam de espaço para viver, trabalhar e brincar. As pessoas criam e marcam os lugares de acordo com seu conhecimento específico, graus de tecnologia, desenvolvimento histórico e até mesmo fantasias. Concluindo, lugares estão envolvidos em importantes decisões, tanto pessoais quanto corporativas.

No conto “Todo mundo sente falta”, o drama da separação, da rejeição e da dor de viver isolado da família é expresso de acordo com as palavras do autor:

## SABER ACADEMICO

“Tem doença que entra no seio da família. E sabe como ela entra? Entra lá dentro, nas vísceras, nos círculos das células. Então a doença fala: “eu vou acompanhar essa família muitas gerações”. E acompanha. Ela pode vir da família do pai ou da mãe. O certo é que quando eles se casam e tem filhos, a doença chega e diz: “oh, estou aqui. O seu corpo é uma herança genética, o seu lugar é uma herança histórica, a língua é uma herança cultural, e eu sou também uma herança sua”.

É. É isso. Eu tenho essa herança. Cinquenta e nove ano que eu moro aqui. Por que lá em casa foi assim: quem era doente era o meu avô, né? E lá eles tinha medo mais era que as pessoa mais novo, né, pegava mais, né? E eu era limpinha, num tinha nada. Mas o povo corria de medo, né, que eu ia...era a doença...eu era a mais nova. Aí os povo vei e falô “ocê tem que isolá ela, porque senão vai pegá doença nocês. Tem que isolá ela, senão nós num trabaia procês, não. Então falô: nós tem que isolá ocê! Eu escutava aquilo e me doía demais. Pra ninguém vê, eu saia de mansinho e ia chorá escondido. Eu sentia rejeitada, achava que ninguém gostava de mim. Até hoje eu penso isso: parece que eu tenho essa mancha no espírito – de pensá que as pessoa num gosta de mim”.

---

Me leva pra lá...Aí eles me trouxero. Vim prá cá!. Aí eu cheguei, foi como eu tava dizeno, eu achei ruim, chorava, né? Chorava demais, chorava por saudade, por medo, por está sentido rejeitada. Chorava como um reguinho que nascia no açude do meu sentimento e ia procurando uma gravidade pra escorrê, então achava os zóio e derramava aquela água sentida. Eu chorei tanto que um dia o trabisseiro ficou ensopado: pensei que estava derramando lágrimas pelos poros. Vai vê tava. Mas um dia eu pensei: se eu choro desse tanto é porque o meu sentimento é um açude, é um rio..”

Os perigos do corpo, a quase não aceitação da doença e de sua vinculação hereditária, o sofrimento da rejeição são atributos que, num dado momento histórico, atravessaram a vida do portador de hanseníase. Especialmente, o fato de morar num corpo atormentado pela lepra, cria rupturas do indivíduo consigo mesmo. Barcelos (2006, p, 32), ao falar do efeito do samba no corpo esclarece o que o açoite da lepra pode significar “... O corpo se vê obrigado a decifrar sensações que desconhece, e o pensamento é levado a escapar do regime de representação”. Vejamos essa narrativa que foi instrumentalizada pela pergunta sobre os impactos da lepra no corpo:

## SABER ACADÊMICO

“O corpo é uma coisa estranha, parece que é maior que gente. Já falá tanta coisa do corpo. Ouvei falá que ele é uma tubulação, ele tem um lado interno que é como uma cidade, tem esgoto, tripa, correia, veia, rua interna. O sangue agita,vai do coração ao cérebro, perna, pé. O que a gente come vai entrando na boca, na goela até chegar no intestino, e saí, vai saindo. Se não cumê não vive e cumeno tem que soltá, senão a gente explode. Tem muito canais, muito canos. Por fora, é essa coisa, né, a pele – que é como uma coberta de veludo que cobre a gente do frio, os cabelo, eles vai caindo mas nos protege. Mas o corpo tem um governador, os pensamento. Os pensamento governa o corpo, e ele tem muitos soldados, generais – sei lá! Ele tem o sistema nervoso, as sinapses nervosas, os sentidos. Ocê já pensou qual é o tamanho dos zóio? Ver é muito grande, e o pensamento pode aumentá o mundo. Tem o afeto, todos os sentimentos que qualquer um tem, tem raiva, medo, mágoa. O corpo é uma casa que nós tem pra inventá o que nós somo.

Com ele a gente faiz tudo: trabaia, vê os ôtro trabaia, planeja, avalia, arranca a palavra engolida e solta ela na cara daquele...A gente dança, canta, empunha força, quase desfalece. E levanta as mão pra cima e reza, pede a Deus, espera, faiz pergunta que nem Deus responde. Um machucadinho só leva a gente a pensá que o corpo é essa usina do eu, essa engrenagem de trabaiaí, essa planta de carne, esse toco de dor, esse sentimento estranho...



---

...A dor não foi de ter tirado o dedo, é de ter ficado sem ele, mutilado. É uma coisa muito esquisita: é como se ocê fosse ôtro, parecia que eu não era eu. Então se eu não era eu, quem eu era? Ocê tá vendo, só por causa dos dedo. Quando tirou o dedo eu fiquei louco. Fiquei muito enlouquecido...”

A experiência da mutilação é corrente entre os portadores de hanseníase do asilo em questão. Esse tipo de morte prematura – a mutilação - de efeito simbólico, promovido pela mutilação do dedo, é um testemunho da presença da lepra nos sistemas de representações do próprio sujeito e do Outro. Essa situação nos conduz a concordar com Barcelos (2006, p, 74), quando diz que “É necessário estar à escuta dos signos do mundo que afetam o corpo intensivo”.

Além disso, é afirmada a surpresa, o que pode ser visto nesta narrativa, em que o sujeito mostra o seu cotidiano antes e depois da doença. E, ao mostrar, produz uma analogia de teor rico que pensa a vida e o seu sentido. Então diz:

## SABER ACADÊMICO

“De pedacim de conversa nós costurava o tempo; era um tempo largo formado de pedacim de conversa e de pequenas pausas para o pensamento ajeitá no lugá dele e acendê o pavio da conversa de novo. Um pedacim com um cumpade, ôtro pedacim com um parente, um pedacim cedo, nahora do almoço, depois do trabaio. Aquela conversa ia aprumando no sentido, a gente ia sentindo tudo oiando o horizonte. Já cheguei a pensá que aconversa tgava tãoboa que o céu tava oiando nós conversá. Ou então que tinha um anjo no meu ombro pedino pra gente não Pará. Nós não sabia o que vinha na vida. Não sabia; ninguém sabe. Mas vem, fio! A vida vem, pedacim aqui, pedacim ali, umas coisa passa, ôtras fica; o que fica ta guardado dentro da gente num cantinho que só lembrança alumia; o que passa a gente fica querendo ir atrás. E vai passando. É como um engenho. Eu era fiote e via os engenho. As junta de boi é amarrada; eles vai girando, girando...a cana vai sendo moída, a gente pega a cana, guarda, põe no fogo, o bagaço vai aparecendo, se juntando. Os bois cansa: o suor chega na cara da gente. A gente pega a cana e faiz rapadura, cachaça. Uns corta a cana, ôtros carrega, os boi engenha. E vai passano, um dia, outro dia. A vida é um engenho de passagens”.

A narrativa arranca da situação de surpresa acometida pela doença uma possibilidade de ler a vida. E isso é feito com a ferramenta cultural advinda das raízes

---

de onde o sujeito emergiu para a vida, demonstrando a ligação entre espaço e cultura. Mas o mais importante são as construções das imagens feitas com recursos metafóricos sofisticados. Os fragmentos de tempo – “de pedacim em pedacim” – condecoram o que é vida de si e de todos, pois o que permanece é a passagem. Esta exige que tornemos um engenheiro, não pela via do saber formal, mas da tradição que, no trabalho, aprende o sentido do engenho.

### OS DENSOS ENCONTROS INVISÍVEIS

A ideia de transformar as narrativas do portador de hanseníase, que viveu toda a sua vida num asilo em contos cidadãos, além de estabelecer uma crítica à política de polícia de saúde e valorizar o estilo narrativo desse sujeito simples, era a de contribuir com a produção de um novo estatuto de consciência relativa às representações da lepra. Para isso seria conveniente trabalhar uma divulgação.

Dessa maneira, foram feitas algumas oficinas de vivência em que o livro “A VIDA É UM ENGENHO DE PASSAGENS”, era o centro das atividades. Mas aos poucos, o livro foi ganhando pernas próprias, sendo objeto de estudos de pesquisas em nível de bacharelado em geografia, Letras e história; em nível de especialização, de mestrado, discussão em disciplinas do curso de Psicologia, de disciplinas ligadas à Geografia médica, discussão de programa de rádios etc.

Estabeleceu-se também uma forte ligação com o Conselho Municipal de Saúde, com literatos da União Brasileira dos Escritores- UBE-Goiânia, com professores do curso de medicina e com médicos ligados à Medicina do trabalho. E o mais importante foi o retorno causado pela obra, pois, à medida que as pessoas o liam, devolviam a leitura contando histórias dramáticas de leprosos que não foram para os asilos por medo, pudor da família etc.

Ocorre de ter notícias da leitura de livro e do impacto que gera; e já fomos consultados para que a metodologia fosse utilizada com outras modalidades de sujeitos que portam outros tipos de doenças e de dramaticidade. E alguns contos foram encenados em monólogos teatrais. O fato é que por intermédio do livro tenho tido a oportunidade de

---

fazer densos encontros invisíveis. Por esses encontros, verifica-se a importância política da pesquisa – e a sua vivacidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este período de abertura de possibilidades da pesquisa científica pode facultar níveis de interação entre modalidades de expressão humana diferenciadas, como a relação entre a pesquisa geográfica e a literatura. Ao proceder esses intercâmbios de saberes ocorre a oportunidade de se edificar “novas sensibilidades geográficas”.

A democratização dos procedimentos de abertura pode, todavia, incorrer num alargamento desvairado – e sem lume. No trabalho exposto, diferente disso, tomamos como preocupação o compromisso político com a pesquisa vertido em dois sentidos: na possibilidade literária da geografia e no enriquecimento geográfico com a literatura. Os testemunhos de vida, feitos por fontes orais de maneira aberta, permitiu que as narrativas dos portadores de hanseníases evidenciassem dramas, rupturas, descobertas, dores que elaboram imagens ricas.

Isso nos conduziu a seguinte compreensão: o efeito de dor causado por uma doença como a lepra pode ajudar na composição das letras, transformando-a em recurso de denúncia. Uma doença ao incorporar as representações de um imaginário medroso e preconceituoso desenvolve, junto, uma subjetividade que retorna ao doente. E lutar contra essas representações é parte fundamental da construção da saúde.

Pode-se afirmar que qualquer doença gera contaminações simbólicas, evade-se do organismo para o imaginário e distende forças, enlouquece, cria problemas emocionais ou enfurece o indivíduo para rebelar contra “a fraqueza da carne” e a favor da “força da mente”.

Mais que isso, os estudos das doenças informam também os sentidos dos vários saberes que circulam socialmente nos seios históricos, desde os tradicionais, os saberes médicos, jurídicos etc. Demonstram também as direções políticas das instituições modernas e suas táticas de controle do corpo e de relação com a vida.

---

Cabe ressaltar que a fusão entre Geografia e Literatura no logro deste trabalho, contou com esse destaque: criar é curar. Isto é, o indivíduo que, em qualquer circunstância, age, acredita em sua capacidade de intervenção, junta-se a Outro, compartilha, torna-se um gerador de saúde.

E o indivíduo que se fecha ou se subordina a qualquer representação externa que esmaece a sua vontade de viver – e de criar – ou que diante dos sistemas de poder estabelecidos se rende, aceita a castração do seu desejo e de suas vontades, geralmente contribui para o adoecimento coletivo dos grupos.

Como não estamos fora do contato com o Outro e nem fora do mundo que nos envolvem em sua gama complexa de relações mórbidas, temos que tomar consciência que temos um pouco de sua enfermidade, como também a consciência de que ninguém exime a nossa força de saúde. Assim, todos podemos criar. E todos podemos adoecer.

Sendo assim, toda saúde é uma saúde-doença e toda doença é um doença-saúde. Se criar é curar, cumpre elaborar possibilidades pedagógicas e de vida para mobilizar vontades de criação. E não há outra modalidade, senão a de participar das coisas do mundo, jogar o corpo em aventuras criadoras e soltar a voz interdita pelos sistemas de representações hegemônicas.

Tomar a literatura como fonte de vida e de criação da saúde é um recurso para combater a estética performática e narcísica. Do mesmo modo, nos leva a conceber que toda trajetória de vida tem sua dramaticidade, suas rupturas e, logo, suas dores. Transformar a dor em imagens e essas em lições de vida, eis o pacto fundamental da relação entre geografia e literatura.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Território, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, jan/julho. 1998, p.5-26.

BARCELOS, T. Maia. **Re-quebros da subjetividade e o poder transformador do samba**. Tese de doutorado, São Paulo: PUC-SP, 2006.

BARTHES, R. **A Aventura Semiológica**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- 
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Buenos Aires: FCE, 1996.
- BONVICINO, Régis. **Outros Poemas**. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- BROSSEAU, Marc. **O Romance**: outro sujeito para a geografia, In: Literatura, Música e espaço, Org. CORRÊA, L. C. e ROSENDAHL, Z. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007, P 76-121.
- DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.
- DOURADO, Odete. Para sempre, memória. In: **Revista Rua**, Salvador, v.2, n.3, Jan. 1989, p., 65-74.
- CHAVEIRO, Eguimar F. **A vida é um engenho de passagens**. Goiânia: Descubra, 2005
- GARNEY, G. **Música e Lugar**. In: Literatura, Música e espaço, Org. CORRÊA, L. C. e ROSENDAHL, Z. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007, P-123-150.
- GONÇALVES, Carlos Walter P. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GUATTARI, F. & ROLNIK S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.
- PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Nota de Pesquisa – O mapa cultural de Goiás. In: **Revista Ateliê Geográfico**, v. 2, n 3, p. 162- 168, 2008.
- PELBART, P. P. **A nau do tempo rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio e Janeiro: Imago, 1993.
- PELBART, P. P. **A vertigem por um fio**: Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PELBART, P.P. **Vida Capital**: ensaios de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia – Universidade de São Paulo. Professor do Instituto de Estudos Sócio-ambientais - Universidade Federal de Goiás. Membro do LABOTER – Laboratório de Estudos e dinâmicas territoriais –, da Sociedade Civil Sócio-ambientalista Jacarandá da Pedra e do grupo Arte do Afeto

*Texto Recebido em 02 de fevereiro de 2010.*

*Aprovado em 21 de junho de 2010.*